

## O espaço da memória em Susy Delgado

Leda AQUINO<sup>1</sup>  
Antonio Donizeti da CRUZ<sup>2</sup>

### Resumo

Paraguai é o único país bilíngue da América Latina e possui uma literatura muito rica e pouco conhecida no exterior. Nosso objetivo neste artigo é analisar a poética da escritora e poeta paraguaia Susy Delgado, que além de dar voz a mulher valoriza ambas as línguas nacionais em sua escrita e ainda traz a memória da cultura guarani há muito tempo esquecida no país. Desde o início da colonização o colonizador impôs sua língua e sua cultura sobre a do colonizado. O país é híbrido desde sua formação a cultura e a língua falada hoje no país é resultado desse hibridismo que começou com a colonização. De acordo com Natalia Krivoshein de Canese o fenômeno do hibridismo cultural no Paraguai ainda não foi estudado o suficiente para saber que proporção de cada cultura originária entrou na mescla resultante e há quem discuta sobre se no Paraguai há uma ou duas culturas.

**Palavras-Chave:** Susy Delgado. Poética bilíngue. Hibridismo cultural. Memória.

### Abstract

Paraguay is the only bilingual country of Latin America and it has a very rich literature but it's little-known abroad. Our aim in this article is to analyze the poetic of the Paraguayan writer and poet Susy Delgado, who besides giving woman voice, values both national languages in her poems, and it also provides Guarani culture memories which have been forgotten for a long time in the country. Since the beginning of the colonization, the settler imposed its language and culture in the colonized. The country is hybrid since its formation, the culture and the spoken language today is a result of this hybridism, started with the settlers. According to Natalia Krivoshein de Canese this cultural hybridism has not been studied enough to know the proportion of each original culture is in the mixed culture today and there are those who discuss if there is one or two cultures in Paraguay.

**Key-word:** Suy Delgado. Bilingual poetic. Cultural hybridism. Memory.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Mestrado em Letras da UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: ledaaquino.a@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras da UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: adonicruz@gmail.com

## Introdução

Desde o início da colonização o colonizador impôs nas Américas sua língua e sua cultura sobre a do colonizado. Porém, no Paraguai podemos dizer que houve uma resistência e a língua do nativo ou índio mantêm-se viva até os dias de hoje. Paraguai é o único país bilíngue da América Latina apesar de haver divergências quanto ao bilingüismo no país.

Nosso interesse por trabalhar com a poética de uma escritora paraguaia se deu pelo fato de Susy Delgado valorizar ambas as línguas nacionais em sua escrita. E destacar a relevância da obra da poeta no contexto hispano-americano. Neste artigo procuramos trabalhar a questão da memória em alguns poemas do livro *Tataypype - Junto al fuego* (1992), de Susy Delgado. Nos poemas do livro *Tataypype - Junto al fuego*, podemos encontrar a memória do povo guarani, assim como nos poemas do livro *Cuando se apaga el takuá* (2010) também há a memória do povo guarani no som do instrumento que a índia guarani tocava para dar ritmo e equilíbrio às festas.

Sin el resonar de las tacuaras en manos de las mujeres no hay ritmo ni equilibrio en la fiesta, y la palabra cantada de los hombres quedaría sin apoyo e imprecisa. (MELIÁ, apud DELGADO, 2010, p 09)

Para Halwbachs, a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. (HALWBACHS, 1990, p. 84). A grande maioria da sociedade paraguaia é mestiça, e por isso a cultura guarani está sendo esquecida, uma vez que ao pertencer aos povos indígenas e também ao paraguaio, ela está entre e nos dois grupos, favorecendo seu apagamento e, desta maneira, esta memória se relativiza por não estar ligada especificamente a um único grupo.

A memória é uma temática que chama atenção de muitos estudiosos. Neste artigo procuramos nos apoiar nos estudos de Maurice Halbwachs, Aleida Assmann e Jacques Le Goff. Halwbachs destaca dois tipos de memória uma individual e outra coletiva. Segundo o autor, a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e, talvez, que ela não explique por si mesma a evocação de qualquer lembrança. (HALBWACHS, 1990, p. 37).

Halbwachs (1990) acredita que por mais que uma memória seja aparentemente individual, ela só existe e se mantém porque está associada a um coletivo de onde provém o sujeito. Quanto mais ligada a pessoa estiver ao grupo ao qual ela pertence, mais viva se preservará sua memória. Portanto, toda memória pertence a um coletivo, sendo fruto dele ou se reatualizando no presente quanto mais intenso for o laço entre o sujeito e a sociedade que o cerca.

Para isso, não precisa haver necessariamente a presença de testemunhas físicas. Apenas a força das falas, das leituras, das histórias e dos mitos que formam um coletivo, presente na memória do sujeito, já o torna permanentemente acompanhado, uma vez que vê o mundo que o cerca pelas memórias que compõem sua história enquanto membro da comunidade que frequenta.

Ainda de acordo com Halbwachs:

Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mas ainda o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. Eles podem ser mais restritos, bem mais remotos também. (HALBWACHS 1990, p.54)

Percebemos pela citação acima que o indivíduo preserva em sua memória principalmente o que viu, mas o que escutou também dos demais membros do grupo ajudam a confirmar suas memórias e torná-las mais confiáveis como fonte de consulta.

A memória também é um fator de identidade, ter um passado ao qual se referir, é uma forma de não perder sua origem. Portanto, ter memória é saber quem se é em meio a uma sociedade em constantes mudanças: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (LE GOFF, 2013, p. 435).

Por isso, a memória está ligada à identidade do sujeito, à necessidade que este tem de dar sentido à sua vida, que ela pertence a um coletivo e tem sentido. Essa noção de que o sujeito tem uma história de vida, leva-o a ter uma crise sobre sua identidade neste mundo, por busca a unidade, o início e o fim, a razão de sua existência:

[...] o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ objetiva e subjetiva de um projeto: a noção sartriana de um ‘projeto original’ somente coloca de modo explícito o que está implícito nos “já”, “desde então”, “desde pequeno”, etc. das biografias comuns ou nos “sempre” (sempre gostei de música) das “historias de vida”. (BOURDIEU, 1986, p. 63).

Portanto, memória está relacionada aos rituais de organização da vida pessoal de cada sujeito que compõe uma sociedade. Justamente, porque se transportou para a vida a noção de história e como esta sempre tem um sentido, a vida do sujeito também se vê obrigada a ganhar um sentido. Por isso, é tão importante para o indivíduo pertencer a um grupo e, conseqüentemente, participar da memória do mesmo.

Para Jan Assmann, o ser humano precisa além das memórias individual e social, também da memória cultural. Susy Delgado apresenta em algumas poesias justamente a memória cultural guarani que para muitos paraguaios ficou no esquecimento.

No livro *Tatapype - Junto al fuego* os poemas foram escritos originalmente em guarani. Logo a poeta traduziu para o castelhano, utilizando-se assim de ambas as línguas oficiais, com o objetivo de levar sua obra para um número maior de leitores. A poeta demonstra a importância do fogo na cultura paraguaia de expressão guarani nas duas línguas.

A respeito da publicação bilíngue dos poemas de Susy Delgado, Bartomeu Meliá afirma que:

[...] considero que la publicación de estos poemas en guaraní y castellano en la forma en que se hace, supera la malhadada relación diglósica que afecta generalmente la producción llamada bilingüe de muchos autores paraguayos. Aquí un solo fuego llamea en lenguas diferentes, que no se funden ni se confunden. [...] (MELIÁ, 1992, p. 142)

No poema “Tataypýpe” o eu- lírico começa com um convite para nos sentar e assim aproximar-nos ao fogo e ouvir as histórias. Na cozinha do camponês paraguaio não há fogão, e sim fogo no chão com um gancho para pendurar a panela. Segundo o antropólogo Bartomeu Meliá:

El día paraguayo comienza junto al fuego. Sentarse junto al fuego, en la mañana todavía no amanecida es saber toda la memoria de un pueblo que sufre de hambres y de enfermedades, pero que de ese fuego aprende a decir el sol, la flor y la estrella. (MELIÁ, 1992, p. 141).

## Fogo e memória guarani

A seguir faremos a análise de alguns poemas de Susy Delgado. Nos versos seguintes o eu-lírico mostra que ao redor do fogo também está o remédio que a avó preparava para espantar a tosse e as doenças. Na cultura guarani o remédio natural ou yuyo como é chamado tem grande uso no Paraguai. Ainda hoje as pessoas tomam esses chás no chimarrão ou no tereré.

Junto al fuego  
ya se vierte  
el mate caliente.  
Hojas de amba’y y de malva,  
de guayaba y de eucalipto,  
la Abuela tritura  
esparciendo su aroma,  
que muevan la tos rebelde,  
la enfermedad.  
(DELGADO, 2013, p. 106)

Tataypýpe  
oñehema  
Ka’ay aku.  
Amba’y ha malva,  
arasa ha eukalíto rogue  
Aguéla omyangu’i,  
omohyakuã.  
Omongu’e hu’u vai,  
Mba’asy.  
(DELGADO, 2013, p. 107)

Nesse ritual de sentar-se ao redor fogo, pode-se conhecer um pouco mais da cultura, dos mitos e do folclore guarani. “Es el fuego guaraní que un día el sapo les robó a los cuervos y está guardado para siempre en el tronco del pindó, memoria perenne entre tierra y cielo”. (MELIÁ, apud DELGADO, 1992 p. 141)

No poema a seguir encontramos alguns outros personagens do folclore guarani:

Y que vengan  
Yacy Yateré,  
Luisón y quien sea  
el que esté caminando si ruido  
detrás de la casa.  
Un vasito de caña y algún cigarro  
Desea el Pombero  
y es de buen corazón.  
Mas, debes huir  
de Mala Visión,  
nunca responderle.  
Ella es el demonio.  
Cuidado, no es bueno  
que entre a tu casa.

(DELGADO, 2013, p.100)

Ha touke  
Jasy Jatere,  
Luisõ ha oiméva  
oguata kiriri  
Okupérupi.  
Kañami ha sigáro  
Pombéro oipota  
Ha ipy'a porã  
Ku Malan Visiõgui  
katu edihpara,  
Ani embohovái.  
Aña hína upéva,  
chake ndo valéi  
Nde rógape oike.

(DELGADO, 2013, p. 101)

O Jacy Yateré, Luisón, Pombero e Mala Visión são alguns dos personagens do folclore guarani.

Ao analisar as palavras do estudioso da cultura guarani, o padre e antropólogo Bartomeu Meliá, percebemos a importância do fogo na vida do povo guarani e, conseqüentemente, do camponês paraguaio, pois o dia dos mesmos começa ao redor do fogo, seja para se aquecer no inverno seja simplesmente para tomar o chimarrão antes do dia amanhecer.

A importância do fogo no dia a dia do campesino paraguaio pode ser constatada nos seguintes versos:

Vengan, siéntense,  
acérquense al fuego.  
Mandiocas, batatas;  
ya están casi blandas;  
el mate caliente;  
ya va a amanecer.  
Mamá, junto al fuego,  
ya está en su trajín.  
Papá, en su regazo,  
acoge al hambriento  
Vengan, siéntense,  
para despertar.

Peju, peguapy  
Peja tataypýpe.  
Hu'umbaraíma  
Mandi'o, jety,  
Ka'ay hakúma  
Ko'êmbotaite  
Che sy, tataypýpe,  
oñetrahina.  
Che ru rupa'úme,  
mitã vare'a.  
Peju, peguapy  
pepaypa haggua.

Junto al fuego hay ya  
algo que comer  
lo que nos dará  
grato despertar.  
(DELGADO, 2013, 92)

tataypýpe oima  
ja'umi vaerã,  
ñanemoko'e  
porã vaerã...  
(DELGADO, 2013, p. 93)

O poema discorre sobre o fogo e do início do dia em uma casa camponesa paraguaia com mandioca, batata doce e o chimarrão ao amanhecer. Este é o momento de reunir a família ao redor do fogo e comer o que a terra oferece. O fogo também é um símbolo da cultura paraguaia de expressão guarani e tem a função de aquecer e ilumina a vida de seus descendentes e é no “*tataypy*”, na cozinha, onde se guarda o fogo que nunca se apaga.

A afirmação acima pode ser confirmada nos versos do poema de Sysu Delgado. Esse fogo que nunca se apaga está presente na poesia e ficou marcado na memória da poeta, que teve sua infância no interior vendo essa realidade de perto.

Un tizón  
Busco  
en la ceniza del olvido.  
En el hueco del tizón ausente,  
revuelvo, escarbo,  
esparzo  
ceniza fría,  
ceniza oscura,  
ceniza...  
Un tizón busco  
para encender el fuego.  
(DELGADO, 2013, p. 96-98).

Tata'y  
aheka  
tesarái tanimbúpe.  
Tata'y rendaguépe  
aipyvú, ahavicha,  
amosarambi  
tanimbu ro'y,  
tanimbu pytu,  
tanimbu...  
Tata'y  
aheka  
ajatapymi haguã...  
(DELGADO, 2013, p. 97-99)

Nesses versos percebemos que o fogo nunca se apaga, sempre há uma brasa dormindo em meio à cinza fria, a qual se abana e logo se aviva novamente. Podemos comparar essa brasa adormecida à memória que quando precisamos de uma informação ela pode ser buscada, acessada no passado para se fazer viva novamente no presente.

A memória no poema, representada metaforicamente pela brasa, é a memória de um povo que não se apaga, basta alguém assoprá-la para reavivá-la. Para isso é preciso que alguém seja o responsável, o guardião dessa memória, pode ser um poeta ou um contador de histórias, pois memória está ligada as preservações, à identidade, às origens,

aos mitos. Nas palavras de Octavio Paz “Los poetas han sido la memoria de sus pueblos”. (PAZ, 1990, p. 101). E é justamente isso que vemos em Susy Delgado. Em algumas poesias a poeta se torna a portadora da memória, repassando ou relembrando o que muitos se esqueceram da cultura guarani.

Jacques Le Goff em *História e Memória* (1996) comenta a importância dos poetas na Grécia Antiga, atribuindo a eles a importância de preservadores da memória e da cultura grega. Assim, o poeta era considerado quase um ser divino que mantinha em seu poder o dom de lembrar e cantar aos ouvintes as histórias dos mitos e dos heróis de seu povo. Acreditava-se que o *aedo* era uma pessoa abençoada por *Mnemosine*, a deusa protetora da memória.

Levando em conta que a tradição das epopeias gregas pertence à oralidade e a cultura guarani também é de uma vertente oral, a poeta Susy Delgado exerce similarmente essa função de guardiã da memória guarani no Paraguai. A vantagem da poeta está no fato de que domina a escrita e, com isso, pode preservar duplamente a memória guarani.

No dizer de Octavio Paz: “La poesía es la memoria hecha imagen y la imagen convertida en voz. La otra voz no es la voz de ultratumba: es la del hombre que está dormido en el fondo de cada hombre”. (PAZ, 1990, p. 136)

Nos poemas do livro *Junto al fuego* encontramos a figura do avô, esse é o personagem invocado para contar as histórias, os mitos da cultura guarani e chamar pelos personagens do folclore para assustar as crianças. Nesse livro a poeta Susy Delgado mantém acesa a chama da tradição oral guarani, dedicando a obra toda à imagem do fogo que como já foi dito é símbolo da cultura guarani.

Ya casi amanece,  
Abuelo.  
Tu canción pequeña  
me está despertando  
desde el fondo  
en que arde el fuego del hogar.  
Déjame sentarme  
aquí, entre tus piernas,  
deja que me abrace  
tu voz hecha de tiempo.  
Sigue cantando,  
mímame

Ko'embotaitéma,  
Aguélo.  
Chemombayraíma  
nde puraheimi,  
tatapy ruguáguive.  
Taguapýna ápe,  
neretymakuápe,  
ha tacheañua  
ne ñe'e tuja.  
Epuraheive,  
chemokunu'u,  
ha ejatapy



y enciende  
un fuego grande y bueno,  
que amanezca  
un buen día.  
(DELGADO, 2013, p. 102)

kakuaa porã,  
taiko'e porã  
ñandéve...

(DELGAO, 2013, p. 103)

Nas palavras de Wolf Lusting (1997):

A nivel del significado se observa como el *tatapy ya* no es sólo el lugar del fuego sino también el asentamiento de la palabra - el *ayvu rapyta*, para hablar en términos de "teología" indígena guaraní. (LUSTING, apud DELGADO, 2001, p.145).

Percebemos nas palavras de Lusting que ao redor do fogo se realizam a comunicação e o intercâmbio entre as gerações em forma de vozes, relatos e histórias, repassando-se, assim, um pouco da cultura oral guarani.

Essa observação de Lusting pode ser confirmada na estrofe a seguir, em que encontramos mais uma vez o sujeito da enunciação se reportando à figura do avô:

Que vengan todos  
los que han resucitado  
en la voz del abuelo.  
Que traigan  
sus historias  
y las desparramen junto al fuego  
para que nos asusten,  
nos desprecen  
Que vengan,  
se sienten y se queden  
y que abran sus ojos los niños,  
que tengan escalofrío  
y que rían,  
Y que amanezca en el  
de su memoria,

la palabra.

(DELGADO, 2013, p. 100-102) (DELGADO, 2012, p.101-103)

Toupáke  
chaguélo ñe'eme  
oikove jeýva.  
Toguerúke hikuái  
hembiasakue,  
tomyasãi tatapyýpe,  
tañanemomdyí  
tañanemombáy,  
toñembosarái anendive.  
Toúke hikuái,  
toguapy, topyta,  
ha mitã toipe'ake hesa,  
taipiri,  
topuka.  
Taiko'eke mitã akã  
ruguápe,  
Ñe'e.

Observamos que no livro *Junto al fuego* está presente a memória de um povo, a alma dos antepassados, a lembrança da infância da poeta vivida no interior em meio a mitos e folclores. Esses são fatos importantes na hora de escrever poesias,

principalmente na poética guarani de Susy Delgado, pois o folclore era transmitido de forma oral.

Para Lusting (1997), o folclore transmitido de forma oral era:

Lo más valioso de la expresión artística en lengua guaraní — *casos*, canciones, proverbios — no había entrado en el universo de las palabras escritas y de la cultura libresca, sino que permanecía confinado al mundo de la tradición popular y folklórica. (LUSTING, 1997, p. 01)

Rubén Bareiro Saguier considera que a falta de escrita na civilização guarani não significa uma ausência de literatura, uma vez que a tradição oral era suficiente para transmitir a memória do povo:

Es preciso recordar aquí que la civilización guaraní no conoció la escritura, hecho que, como lo demuestra la etnología contemporánea, no constituye un rasgo de inferioridad ni de lo contrario. Significa, más sencillamente, que la tradición oral era suficiente para las necesidades de transmitir la memoria colectiva, de la misma manera que las escasas cifras que utilizaban bastaban en el sistema de una sociedad no mercantilista. (SAGUIER, 1990, p. XIX)

Para Susy Delgado escrever em guarani e castelhano é, segundo a poeta mesmo define, como se o guarani encontrasse seu par no castelhano, e assim, ambas as línguas dialogam entre si. Observamos que para a escritora não há uma disputa entre as duas línguas nacionais. O guarani é a língua do colonizado que enfrentou o castelhano, língua do colonizador, o guarani é a língua que a mãe ensinou aos filhos e venceu a luta pela alma do mestiço tanto que até hoje o guarani é falado no país mesmo tendo caído o número de falantes da língua indígena.

De acordo com Natalia Krivoshein de Canese em seu artigo *Cultura y Bilingüismo en el Paraguay*:

Si se llegara a alfabetizar a la población en guaraní se estimularía su producción literaria y podría producirse un auge cultural, recién entonces habría una verdadera literatura paraguaya en guaraní. Si además de eso se enseñara en las

escuelas a hablar en castellano con métodos efectivos de enseñanza de segundas lenguas también aumentaría en calidad y cantidad la literatura paraguaya en español porque aumentaría su número de lectores y escritores. CANESE, portal guarani, s/p.

Também acreditamos que se houver realmente o ensino bilíngue adequado haverá um maior número de literatura guarani ou bilíngue e, conseqüentemente, existirá um número maior de leitores da mesma. Em 2014 o Paraguai ganhou mais um incentivo para alfabetizar seu povo em guarani que foi a inclusão da língua indígena nos documentos e nas sessões do Parlamento do MERCOSUL.

Uma grande parte do povo paraguaio é analfabeto na língua majoritária do país e por isso não há muito interesse em literatura escrita e o relato oral se torna mais interessante. Canese (1989) coloca ainda a questão da educação no país que além de não haver um programa de alfabetização em guarani, o ensino do castelhano também é fraco. Se houvesse um ensino de qualidade o desempenho linguístico da população também seria melhor e aí sim haveria um interesse maior pela literatura escrita.

## **Considerações finais**

Apropriando-nos desta metáfora de sentarmos junto ao fogo e conhecermos um pouco mais da cultura e do folclore guarani, acreditamos que com essa pesquisa reduzimos um pouco mais o “Pozo cultural” que separa a cultura paraguaia do resto da América Latina, e adentramos a ilha cercada de terra do escritor Augusto Roa Bastos. Estudar a escrita bilíngue de Susy Delgado e a literatura paraguaia nos ajudou a conhecer um pouco da cultura guarani.

Nesta pesquisa observamos também como a escrita bilíngue ajuda na divulgação da língua e da cultura guarani e como essa cultura tão rica sofreu com as influências de outras culturas, chegando ao ponto de ficar esquecida quase que totalmente. Susy Delgado, uma das mais conhecidas poetas paraguaia da atualidade, traz através dos poemas a memória do fogo símbolo da cultura guarani, além de promover com grande entusiasmo a difusão da literatura bilíngue tanto no país como no exterior.

## Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

DELGADO, Susy. *Amandayvi: Antología poética castellano guaraní 1986-2012*. Asunción: Editorial Arandurã, 2013.

\_\_\_\_\_. **Ñe'ejováí/Palabra en dúo**. Asunción: Ediciones Arandurã, 2005.

\_\_\_\_\_. **Antología Primeriza**. Asunción: Editorial Arandurã, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ogue jave takuapu/Cuando se apaga el takuá**. Asunción: Editorial Arandurã, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

PAZ, Octavio. **La otra voz Poesía y fin de siglo**. México: Editorial Seix Barral, 1990.

## Artigos

BARCO, José Vicente Peiró. **Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1995)**. <http://www.cervantesvirtual.com/obra/literatura-y-sociedad-la-narrativa-paraguaya-actual-19801995--0/>. Acesso em 06/09/13

BOURDIEU, Pierre. **L'ilusion biographique**. In Actes de la recherches en Sciences Sociales, junho de 1986, p. 62-72.

## Documentos eletrônico

CANESE, Natalia Krivoshein de. **Cultura y Bilingüismo en el Paraguay**. CEADUC, Suplemento Antropológico, Vol. 28 Nro. 1 y 2, Asunción. Encontrado em: <http://www.ceaduc.uca.edu.py/>. Acesso em: 09/07/2013

MELIÁ, Bartomeu. **La interculturalidad y La farsa del bilingüismo**. Disponível em:

[http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache\\_n2/2\\_89-4](http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache_n2/2_89-4). Acesso em: 12/11/2013.

SAGUIER, Rubén Bareiro. **Literatura Guaraní del Paraguay. Compilación, estudios introducciones, notas y cronología**. Encontrado em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/de-nuestras-lenguas-y-otros-discursos--0/>. Acesso em: 08/09/13

WOLF LUSTIG: **Ñande reko y modernidad: Hacia una nueva poesía en guaraní**. América sin nombre Núm. 4, diciembre de 2002 [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/america-sin-nombre--1/html/02766c78-82b2-11df-acc7-002185ce6064\\_23.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/america-sin-nombre--1/html/02766c78-82b2-11df-acc7-002185ce6064_23.html)

[http://www.parlamentodelmercosur.org/innovaportal/v/8222/2/parlasur/lingua\\_guarani\\_se\\_torna\\_idioma\\_oficial\\_de\\_trabalho\\_do\\_parlamento\\_do\\_mercosul.html](http://www.parlamentodelmercosur.org/innovaportal/v/8222/2/parlasur/lingua_guarani_se_torna_idioma_oficial_de_trabalho_do_parlamento_do_mercosul.html). Acesso dia 15/04/14